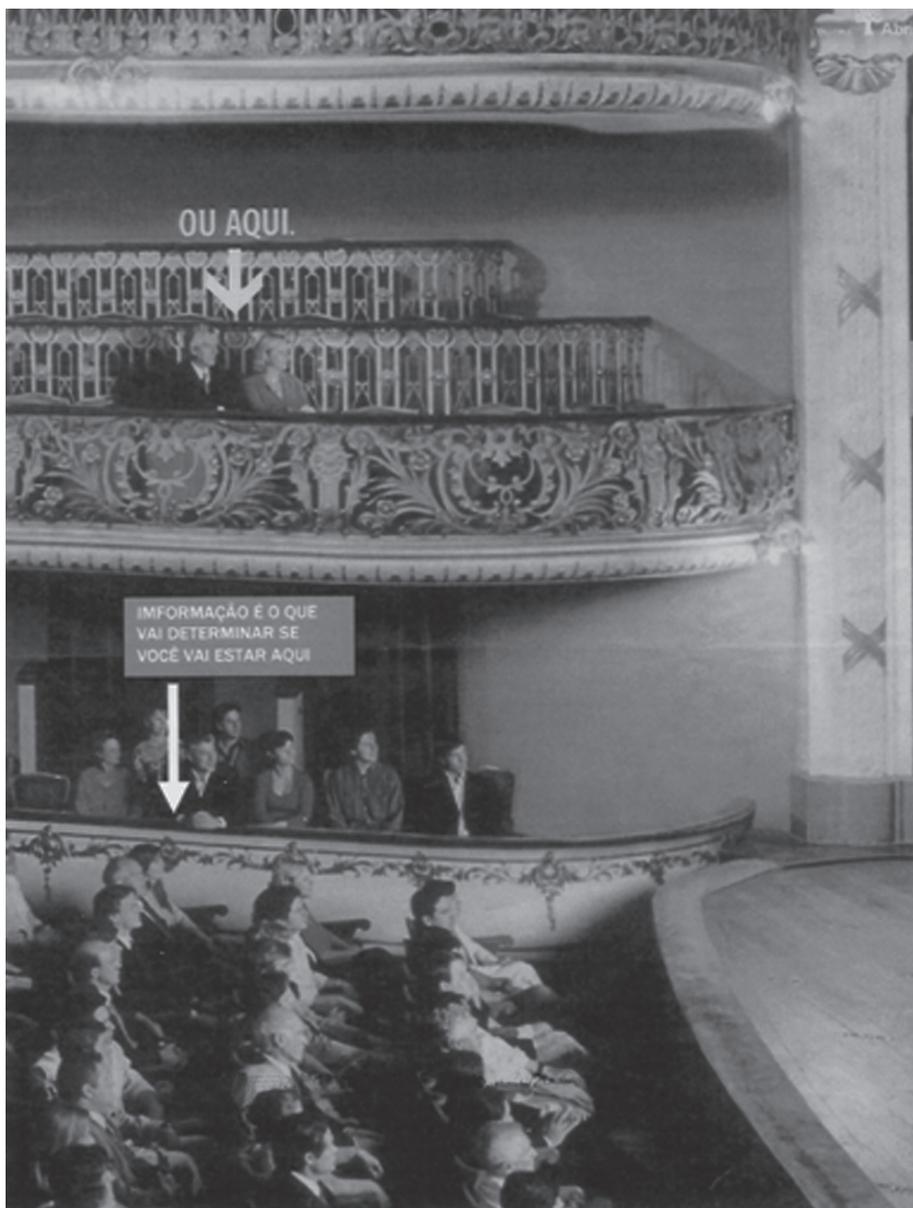


Figura 9 O teatro.



Fonte: Revista Exame. São Paulo: Editora Abril, Abril/2004.

3

O desenho e a metodologia de pesquisa

A ciência é uma metamorfose do senso comum.

Rubem Alves

No capítulo anterior, busquei conceituar o efeito retroativo, dentre outros conceitos da área de avaliação e, assim, construir uma base teórica para este estudo, que tem por objetivo investigar e caracterizar o efeito retroativo do exame de língua inglesa do vestibular da UFPR no ensino da língua em nível médio. Neste capítulo, tenho por objetivo apresentar a base metodológica desta investigação. Na seção 3.1, abordarei o desenho da pesquisa e sua justificativa. Na 3.2, descreverei os procedimentos e instrumentos de pesquisa. Na 3.3, tratarei dos cenários, e, finalmente, na 3.4, apresentarei os sujeitos desta investigação e justificativa.

3.1 O DESENHO DE PESQUISA: A ESCOLHA DA METODOLOGIA

O desenho desta pesquisa procura levar em conta as limitações teóricas e metodológicas dos primeiros estudos que investigaram o efeito retroativo em língua estrangeira. Baseada nas pesquisas mais recentes de Alderson, Wall (1993), Bailey (1996), Cheng (2003), Watanabe (2003) e Curtis (2003), Gimenez (1997, 1998, 1999) e Scaramucci (1999 b, c, 2002 a, b, 2004 a,b), optei por um desenho de pesquisa qualitativa interpretativista, utilizando procedimentos e instrumentos típicos da etnografia, tais como observação em sala de aula com diário, entrevistas, questionários e seleção de documentos. A coleta de

dados ocorreu ao longo de seis meses. A partir da coleta, decidi triangular¹ os dados das diversas fontes investigadas para que pudesse obter uma visão do fenômeno em suas várias perspectivas, tanto em relação ao que se pode observar na sala de aula, quanto às percepções dos sujeitos envolvidos. A triangulação dos dados obtidos das várias fontes contribuiu para estabelecer uma maior confiabilidade a este estudo, uma vez que a subjetividade da interpretação de uma única fonte dá lugar à intersubjetividade das interpretações possíveis sobre as várias fontes investigadas.

Moita Lopes e Cavalcanti (1991, p. 138/9) reafirmam o que também preconizam os pesquisadores do efeito retroativo: um desenho de uma pesquisa interpretativista deve incluir:

observação do contexto de sala de aula com elaboração de notas de campo – diário – descrever o que, na sua visão, ou seja, na sua interpretação, está ocorrendo com contexto de ensino/aprendizagem. Outros instrumentos foram entrevistas, questionários, gravação em áudio, documentos, etc., na tentativa de triangular os dados coletados na investigação. Desta maneira, a assim chamada subjetividade inerente a estes tipos de dados adquire uma natureza intersubjetiva ao se levar em conta várias subjetividades, ou várias maneiras de olhar para o mesmo objeto de investigação, na tarefa de interpretação dos dados, aumentando assim sua confiabilidade.

Como o efeito retroativo em língua estrangeira foi pouco investigado no passado, e como a teoria sobre o tema ainda está em construção, não pude desconsiderar uma pesquisa exploratória com desenho etnográfico. Para o estudo do efeito retroativo, as pesquisas experimentais e quase-experimentais se mostraram limitadas por não permitirem que o fenômeno fosse observado por diversos prismas, com uma visão holística. As pesquisas anteriores a Alderson e Wall careceram de estudos longitudinais com observações em sala de aula trianguladas com os questionários, entrevistas e documentos, tipicamente instrumentos e métodos de pesquisas interpretativistas etnográficas.

.....
¹ A triangulação em sentido estrito é definida como a estratégia metodológica que abrange o objeto de investigação sob, pelo menos, três ângulos distintos, que se articulam a partir de: 1) entrevistas dos diversos sujeitos da pesquisa (*stakeholders*), 2) questionários dos diversos sujeitos; 3) anotações de observação em sala de aula; 4) análise de documentos.

3.2 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Para que se pudesse responder às perguntas de pesquisa propostas, dados de fontes diversas, portanto, foram coletados. Tentou-se selecionar todas as fontes onde se pudesse, de maneira direta ou indireta, encontrar menção à influência do exame no ensino de língua inglesa no ensino médio de escolas públicas, particulares e cursos pré-vestibulares.

Em geral, os estudos sobre o efeito retroativo focalizam sua investigação apenas no ensino ou na aprendizagem. Este trabalho pretende ser mais abrangente e explorar tanto os sujeitos envolvidos no ensino, quanto os envolvidos na aprendizagem buscando as várias perspectivas da maioria dos *stakeholders*.² Isso nos permitirá ter uma visão abrangente do fenômeno em estudo. Se, por um lado, essa abrangência é importante para vermos o fenômeno por multiperspectivas, por outro, pode ter efeitos negativos, na medida em que não permitirá um aprofundamento muito grande dos dados.

Para que pudesse coletar a maior quantidade de dados de uma maior variedade de fontes, foram elaborados questionários para serem preenchidos e para servirem de roteiro para entrevistas.

Os questionários utilizados neste estudo foram desenvolvidos a partir de uma adaptação dos questionários elaborados por Scaramucci (1999a), para sua pesquisa sobre o efeito retroativo do exame Celpe-Bras, e pré-testados com alguns alunos do ensino médio do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná.

Tabela 3 Instrumentos de coleta.	
Instrumentos	
1.	Observação em sala de aula, nos contextos de escolas públicas, particulares e cursos pré-vestibulares. As aulas foram gravadas em fita cassete e registros das aulas foram anotados em diário.
2.	Questionário I, para alunos das escolas públicas, particulares e cursos pré-vestibulares nas quais assisti a aulas.
3.	Entrevistas I, gravadas em fitas cassetes, com os professores das aulas assistidas.

(continua)

² *Stakeholders* são todas as pessoas que estão direta ou indiretamente envolvidas com um fenômeno. Por exemplo, no caso do efeito retroativo do vestibular da UFPR, as várias pessoas que estão envolvidas com o exame são: elaboradores do exame, professores, alunos, pais de alunos e diretores de ensino médio, coordenadora do ensino médio da Secretaria Estadual de Educação, elaboradores de materiais didáticos, dentre outras.

(continuação)

4. Questionário II (ou Entrevista II), gravadas em fitas cassetes, com diretores das escolas nas quais assisti a aulas. ³
5. Questionário III, para os elaboradores da prova de língua inglesa do vestibular da Universidade Federal do Paraná.
6. Questionário IV (ou Entrevista III), gravada em fita cassete, com autores dos livros e apostilas utilizadas nas aulas assistidas. ⁴
7. Entrevista III com a Técnico-pedagoga de língua inglesa, de escolas públicas da Secretaria Estadual da Educação do Paraná.
8. Análise de documentos
9. Análise dos exames de língua inglesa do vestibular da UFPR

3.2.1 Observação em sala de aula

Para coletar dados em sala de aula, optei por gravar as aulas em fita cassete e também registrá-las por escrito, em um diário. Procurei construir um panorama geral das aulas assistidas, a partir de aspectos também contemplados no questionário para professores e que serviu como um guia de observação de aula: habilidades enfocadas, língua falada, materiais usados, conteúdos abordados, seleção de atividades, seqüência de conteúdos, metodologia, maneira de avaliar seus alunos, o uso de materiais semelhantes aos do exame, o uso de outros recursos (jornais, revistas, livros, vídeos, exercícios em computador), além do livro texto ou apostila. Não só coletei dados especificamente em sala de aula, mas também procurei observar, nas aulas, comportamentos, atitudes e percepções dos alunos e professores sobre o ensino de língua inglesa no ensino médio e se havia uma relação, direta ou indireta, entre esses fenômenos de sala de aula com o vestibular da UFPR.

3.2.2 Questionário I para os alunos das escolas observadas

O questionário I (vide Apêndice A, seção A.1) é constituído de 31 itens combinando perguntas de respostas fechadas e abertas. Seu objetivo é coletar dados que permitam uma caracterização ou um perfil dos sujeitos do estudo, além de suas percepções e atitudes com relação à prova de inglês do vestibular

.....
³ Alguns diretores de escola não puderam dar entrevista e preferiram responder a um questionário. Outros disseram que não teriam paciência de preencher um questionário e preferiram dar entrevista.

⁴ Alguns autores de livros moram em outros estados e gentilmente responderam ao questionário. Os autores locais deram entrevistas.

da UFPR. Antes de ser aplicado, houve uma pré-testagem do questionário com alunos do ensino médio do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná e, a partir daí, alguns ajustes foram feitos. Os itens de 1 a 5 identificam os sujeitos. Os itens 6 a 10 visam a identificar o grau de escolaridade, se eles têm condições financeiras para pagar um curso pré-vestibular. Os itens de 11 a 15 visam a identificar questões referentes ao conhecimento de língua inglesa. Tais itens também visam a construir suas percepções em relação ao aprendizado da língua no ensino médio e sua relação com a vida profissional e vestibular. O item 16 visa a determinar se os alunos já estão inseridos no mercado de trabalho e, caso afirmativo, quantas horas semanais eles trabalham. O item 17 focaliza a percepção da comunidade sobre a aprendizagem do inglês. Os itens 18 a 31 contemplam informações específicas sobre a prova de língua inglesa do vestibular da UFPR.

As instruções para o preenchimento do questionário foram dadas oralmente. O limite de tempo permitido foi de 25 minutos, que se mostrou suficiente para os alunos responderem aos itens sem pressa. Os sujeitos, principalmente os das escolas públicas, apresentaram dúvidas sobre algumas questões, dúvidas essas que foram resolvidas prontamente.

3.2.3 Entrevista I para professores das escolas observadas

A entrevista para os professores das escolas observadas (vide Apêndice B, seção B.1) foi estruturada a partir de um roteiro elaborado previamente com 55 itens, combinando perguntas de respostas fechadas⁵ e abertas.⁶ Seu objetivo é coletar dados que permitam uma caracterização ou um perfil dos professores, assim como suas percepções da prova de língua inglesa do vestibular da UFPR e de suas aulas. Os itens 1 a 6 identificam o sujeito. Os itens de 7 a 9 focalizam a formação do professor. Os itens 10 a 13 levantam dados a respeito da vida profissional do professor. Os itens 14 e 15 focalizam o *status* da língua inglesa entre os alunos e comunidade. Os itens 16 a 21 fazem um levantamento sobre a sala de aula do professor: em que língua a aula é ministrada, se ele adota ou não livro didático, quais outros materiais usados em sala, e, como e por quem são estabelecidos os objetivos de ensino de suas aulas. Os

.....
⁵ Nas respostas fechadas, o entrevistado deve escolher uma alternativa dentre um leque restrito de opções dadas.

⁶ Nas questões abertas, o entrevistado pode dar qualquer resposta não se limitando a uma gama restrita de opções como nas fechadas.

itens 22 a 55 visam a construir as percepções e comportamentos dos professores em relação à prova de inglês do vestibular da UFPR.

3.2.4 Questionário II (ou entrevista II) para os diretores e/ou coordenadores das escolas observadas

O questionário II (vide Apêndice A, seção A.2) ou Entrevista II (vide Apêndice B, seção B.2) é constituído de 34 itens combinando perguntas de respostas fechadas e abertas. Alguns sujeitos preferiram fazer entrevista. Nesse caso, o mesmo questionário serviu como roteiro de entrevista. Seu objetivo é coletar dados que permitam perceber como esse profissional vê o ensino de língua estrangeira no ensino médio e que influência ele tem na determinação dos objetivos das aulas de língua estrangeira. Os itens 1, 2 e 3 identificam o sujeito. Os itens 4 e 5 visam a determinar a quantidade de alunos no ensino médio e seu perfil sócio-econômico. Os itens 6 a 11 e 30 focalizam informações sobre o ensino da língua inglesa na escola. O item 12 visa a identificar qual a participação da instituição no planejamento da disciplina. Os itens 13 a 29 e 31 a 34 visam a perceber a relação do vestibular da UFPR no ensino da língua inglesa no ensino médio da escola segundo a visão desse profissional.

3.2.5 Questionário III para elaboradores da prova de língua inglesa do vestibular da UFPR

Este questionário (vide Apêndice A, seção A.3) é constituído de 24 itens combinando perguntas de respostas fechadas e abertas. Seu objetivo é coletar dados que permitam um perfil dos sujeitos do estudo, bem como investigar suas percepções e atitudes em relação à prova de inglês do vestibular da UFPR e se eles se preocupam com a validade sistêmica do exame (Morrow, 1986), isto é, se o exame tem a intenção de causar um efeito retroativo positivo no ensino de inglês em nível médio. Os itens de 1 a 4 identificam os sujeitos. Os itens 5 a 8 contemplam informações sobre escolaridade e capacitação dos profissionais. Os itens 9 a 12 visam a identificar experiência profissional no ensino de LE, bem como na confecção de provas de LE em vestibulares. Os itens 13 a 24 focalizam informações sobre a prova de LE do vestibular.

3.2.6 Questionário IV (ou entrevista) para os autores dos livros e apostilas das escolas observadas

O questionário (vide Apêndice A, seção A.4) é constituído de 38 itens combinando perguntas de respostas fechadas e abertas. Três dos sujeitos pre-

feriram ser entrevistados e, por esse motivo, o questionário serviu como roteiro para entrevista. Seu objetivo é coletar dados que permitam estabelecer um perfil dos sujeitos do estudo, bem como suas percepções e atitudes em relação à prova de inglês do vestibular da UFPR. Os itens de 1 a 5 identificam os sujeitos. Os itens 6 a 8 contemplam informações sobre escolaridade e capacitação dos profissionais. Os itens 9 a 11 contemplam informações sobre experiência profissional no ensino de LE bem como na elaboração de materiais didáticos para o ensino de LE no ensino médio. Os itens 12 a 20 focalizam informações sobre seu livro e/ou apostila. Os itens 21 a 38 visam a construir um perfil das percepções e atitudes dos profissionais em relação à prova de LE do vestibular.

3.2.7 Entrevista com a coordenadora de língua inglesa para escolas públicas da Secretaria Estadual de Educação do Paraná

A entrevista (vide Apêndice B, seção B.3) é constituída de 25 itens combinando perguntas de respostas fechadas e abertas. Seu objetivo é coletar dados que permitam traçar um perfil do sujeito do estudo, bem como suas percepções e atitudes em relação à prova de inglês do vestibular da UFPR. Como tal roteiro foi utilizado apenas com um sujeito, ele não foi pré-testado. Durante a entrevista a coordenadora pôde falar livremente. Os itens de 1 a 3 identificam o sujeito. Os itens 4, 5 e 6 contemplam informações sobre o perfil dos alunos das escolas públicas e particulares no Paraná, qual a importância da língua inglesa no ensino fundamental e médio e qual o papel do vestibular da UFPR na vida dos alunos e professores. O item 8 visa a identificar como são estabelecidos os objetivos de ensino de língua inglesa. Os itens 7 e 9 a 25 focalizam as percepções e atitudes da profissional em relação à prova de LE do vestibular e sua influência nas escolas públicas.

3.2.8 Análise documental

Durante o segundo semestre de 2003, coletaram-se documentos que pudessem nos ajudar a investigar quais os objetivos das aulas de língua inglesa no ensino médio e como eles são estabelecidos. Tais documentos foram: manual do Candidato do vestibular da UFPR; edital do vestibular da UFPR; materiais didáticos usados pelos professores – livros, apostilas, folhas complementares; provas e exames usados nas aulas; simulados usados nos cursinhos; plano de ensino dos professores; ementas das escolas; currículo básico para a escola pública do Estado do Paraná da Secretaria da Educação do Paraná; PCN; Parecer do Conselho Nacional de Educação sobre a Reforma do Ensino Médio

(parecer n. 15/98, in Brasil, 1999, p. 111) e Lei de Diretrizes e Bases (Lei n. 9.394, in Brasil, 1999).

3.2.9 Cronograma da coleta de dados

A coleta de dados foi conduzida durante um período de seis meses, seguindo o cronograma apresentado na tabela a seguir:

Tabela 4 Cronograma de coleta de dados.			
Escolas	Instrumentos	Período de coleta	Número de aulas observadas
Colégio Estadual em Quitandinha – escola rural	Observação de aulas	de 5 de maio a 23 de junho de 2003	13 aulas
	Entrevista com a professora	30 de junho de 2003.	
	Questionários para alunos	30 de junho de 2003	
	Entrevista com diretora	14 de maio de 2003	
	Entrevista com autor do livro	25 de novembro de 2003.	
Colégio Estadual em Curitiba – escola urbana	Observação de aulas	de 06 de maio a 26 de junho de 2003	11 aulas
	Entrevista com a professora	12 de junho de 2003	
	Questionários para alunos	01 de julho de 2003	
	Entrevista com diretora	10 de junho de 2003	
	Entrevista com autor do livro	06 de novembro de 2003	
Colégio particular DP	Observação de aulas	de 14 de agosto a 2 de outubro de 2003	12 aulas
	Entrevista com a professora	30 de setembro de 2003	
	Questionários para alunos	09 de outubro de 2003	
	Entrevista com diretora	02 de outubro de 2003	
	Entrevista com autor do livro	outubro de 2004	

(continua)

(continuação)

Colégio particular DB	Observação de aulas: <i>terceirão</i> e curso pré-vestibular – regular	de 22 de agosto a 16 de outubro de 2003	10 aulas regulares e 4 aulas do avançado
	Observação de aulas: curso pré-vestibular avançado	de 30 de agosto a 11 de outubro de 2003	
	Entrevista com a professora	30 de setembro de 2003	
	Questionários para alunos	11 de outubro de 2003	
	Entrevista com diretora	16 de outubro de 2003	
	Entrevista com autor do livro	09 de outubro de 2003	
Curso pré-vestibular para afrodescendentes	Observação de aulas	De 02 de agosto a 04 de outubro de 2003	9 aulas
	Entrevista com a professora	04 de outubro de 2003	
	Questionários para alunos	12 de setembro de 2003	
	Entrevista com diretora	04 de outubro de 2003	
	Entrevista com autor do livro	24 de novembro de 2003	
Curso pré-vestibular Em Ação	Observação de aulas	de 03 de agosto a 12 de outubro de 2003	8 aulas
	Entrevista com a professora	21 de setembro de 2003	
	Questionários para alunos	06 de outubro de 2003	
	Entrevista com diretora	21 de setembro de 2003	
	Entrevista com autor do livro	17 de novembro de 2003	
Universidade Federal do Paraná	Questionários para elaboradores da prova de língua inglesa do vestibular da UFPR	de maio de 2003 a março de 2004	-
Secretaria Estadual da Educação do Paraná	Entrevista com a técnico-pedagoga de língua inglesa para escolas públicas do Paraná	17 de julho de 2003	-

3.3 CENÁRIOS DA PESQUISA

Procurei escolher os cenários desta pesquisa, levando em conta a grande desigualdade social do país. A maior parte das vagas das universidades públicas, principalmente de cursos de prestígio como medicina, direito, dentre outros, é preenchida sobretudo por cidadãos das classes A e B, oriundos de escolas particulares. Por isso, senti a necessidade de investigar se há e como se caracteriza o efeito retroativo entre diferentes tipos de escola que servem as diferentes classes sociais.

A partir dessa preocupação, cinco instituições de ensino médio foram escolhidas como cenários para a coleta de dados: duas escolas particulares, duas públicas e três cursos pré-vestibulares. Optei por duas escolas particulares de níveis diferentes, uma freqüentada sobretudo pela classe B e C, e a outra, pela classe A e B. Duas escolas públicas também foram escolhidas pelo mesmo motivo: uma escola urbana central, na qual parte dos alunos é oriunda da classe B e C e parte da classe D e E, e uma escola rural, na qual a maioria dos alunos é da classe D e E, com baixo poder aquisitivo. Três cursos pré-vestibulares também foram escolhidos: um curso da classe A e B, que prepara seus alunos para os vestibulares mais concorridos, um curso gratuito para alunos carentes e um curso também gratuito para afrodescendentes carentes. Os cursos pré-vestibulares para alunos carentes e afrodescendentes utilizam as próprias instalações da UFPR para ministrarem as aulas. Todos os alunos dos cursos pré-vestibulares gratuitos são oriundos de escolas públicas. Tanto o curso para alunos carentes como o curso para afrodescendentes carentes são os únicos gratuitos da cidade, e seus alunos oriundos de classes sociais menos favorecidas. Como já afirmei, optei por tais cenários para que pudesse relacionar classe social e um possível efeito retroativo.

Numa tentativa de delinear, dentro dos objetivos específicos em sala de aula, traços dos exames de vestibular da UFPR, aulas de língua inglesa do ensino médio foram observadas durante um bimestre, em cada escola, para apreender-se a abordagem de ensino que pautava as aulas dos professores e os objetivos específicos desses cursos.

Aulas do 1º, 2º e 3º anos foram escolhidas, pois se pretendia averiguar se há diferenças de objetivos de ensino no começo de um curso de ensino médio e no final dele, quando os alunos estão fazendo contagem regressiva para o vestibular.

3.3.1 Seleção e descrição dos cenários

Duas escolas públicas, duas particulares e três cursos pré-vestibulares foram investigados. A primeira escola pública é rural – Colégio Estadual EFA – e a outra, urbana – Colégio Estadual LC. Dentre as escolas particulares, uma é freqüentada sobretudo por alunos oriundos das classes C e B – Colégio DP, e a outra, pelas classes A e B – Colégio DB No terceiro ano, que é denominado *terceirão*, os alunos assistem também a aulas do curso pré-vestibular. Os cursos pré-vestibulares investigados foram:

Curso pré-vestibular EA – para adolescentes de baixa renda, Projeto KN – para afrodescendentes carentes, e o terceiro curso pré-vestibular do Colégio DB freqüentado sobretudo por alunos oriundos das classes A, B e C (no curso pré-vestibular, diferentemente do 1º e 2º do ensino médio, o Colégio DB recebe um maior número de alunos oriundos da classe C, emigrados das escolas públicas).

3.3.1.1 Colégio Estadual EFA

O Colégio Estadual EFA situa-se em Quitandinha, uma cidade pequena no sudoeste do estado do Paraná, a 70 quilômetros da capital, Curitiba.

Figura 10 O município de Quitandinha.



Segundo Portela (2003, p. 6), “o município pertencente à região metropolitana de Curitiba é predominantemente agrícola, sendo a comercialização

dos seus produtos realizada através de Cooperativa Mista.” Até o começo do século XIX, “a região era habitada por tribos indígenas chamadas Botocudos.” (op. cit., p. 7). Com a construção da Rodovia Federal BR-116, chegaram os primeiros brancos à região. Os habitantes são, predominantemente, descendentes de poloneses, mas há também outras etnias: francesa, italiana, portuguesa e russa. (op. cit., p. 27). O comércio da cidade baseia-se em serviços locais: ferrarias, selarias, oficinas mecânicas, borracharias, postos de combustíveis, bares, restaurantes, gráficas, despachantes, funerárias, conserto de eletro-eletrônicos, imobiliárias, cabeleireiros, advogados, dentistas, vestuário, calçados, papelarias, autopeças, veterinárias, produtos agro-pecuários, relojoaria, ótica, floricultura, marcenarias, serralherias, serrarias, farmácias, supermercados, pousada com chalés e área de *camping*. Não existe o serviço de entrega de correspondência, mas dispõe-se de caixas postais. A indústria local contribui para o desenvolvimento da cidade com empresas locais de pequeno porte como moinhos, artefatos de cimento, materiais de construção.

O município de Quitandinha conta com sete escolas estaduais nas localidades do Centro, Turvo, Doce Fino, Ribeirão Vermelho, Lagoa Verde, Pangará e Campina, com aproximadamente 2076 alunos matriculados; duas escolas municipais nas localidades do Centro e Turvo, com 603 alunos matriculados; e oito escolas rurais municipais nas localidades do Centro, Rio da Várzea, Doce Fino, Cerro Verde, Ribeirão Vermelho, Lagoa Verde, Pangará e Campina, com 1.167 alunos matriculados. Existe uma escola particular no centro chamada “Meu Primeiro Mundo”, com 63 crianças matriculadas e que atende crianças da 1ª a 4ª série do ensino fundamental.

Figura 11 Colégio Estadual EFA – escola pública rural.



O Colégio Estadual EFA foi escolhido para as observações de aulas. Os alunos e a diretora responderam a um questionário e a professora das aulas assistidas foi entrevistada. A escola recebe muitos alunos vindos da zona rural.

Tem em torno de 471 alunos matriculados e atende crianças da 5^a a 8^a séries do ensino fundamental e das três séries do ensino médio. Muitas crianças que estudam nessa escola são filhos de agricultores e ajudam seus pais nas lavouras. Há também filhos de comerciantes locais bem como de funcionários públicos. Como qualquer escola estadual do Paraná, a escola carece de muitos melhoramentos. Em termos estruturais, a escola não tem carteiras em boas condições, não possui nenhum equipamento para professores usarem em sala de aula, como retro-projetor, vídeo, televisão etc. A professora de língua inglesa conta com um *micro system* para poder tocar CD e fitas. O laboratório de informática instalado pelo governador anterior está inoperante e a escola não tem verbas para mantê-lo. Em termos de capacitação de professores e funcionários, o governo estadual investe pouco, e, quando há algumas iniciativas nesse sentido, os cursos atendem uma minoria dos profissionais.

3.3.1.2 Colégio Estadual LC

O Colégio Estadual LC encontra-se em um bairro próximo do centro de Curitiba. A capital do Estado do Paraná, localizada no Sul do Brasil, tem 309 anos. A população da cidade está estimada em 1,6 milhão de habitantes, sendo a maioria descendente de imigrantes italianos, poloneses, alemães, ucranianos, japoneses, sírios e libaneses. A partir da década de 90, Curitiba também recebe um grande número de migrantes vindos de outras cidades e estados do país, principalmente de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e de cidades do norte do Paraná.

Figura 12 Colégio Estadual EFA – escola pública urbana.



O Colégio Estadual LC oferece ensino especial, fundamental regular de 5^a. a 8^a. série e médio regular. O colégio possui um total de 645 alunos, atendendo uma comunidade escolar bem diversificada, abrangendo os bairros Bacacheri, Boa Vista, Juvevê, Colombo, Estrada da Ribeira, Atuba, Pinhais e outros, ou localidades mais distantes e pobres. O Colégio Estadual LC ocupa uma área de 20.000 m², formada por uma quadra inteira. Há salas-ambiente com televisão e vídeo, dois laboratórios de informática, cada um com 22 computadores, que servem de instrumento de trabalho ao professor e ao aluno.

Apesar de essa escola ser mais estruturada do que a de Quitandinha, nota-se que não tem passado por reformas há anos. Várias partes da escola necessitam de cuidados tanto fisicamente, quanto em termos de equipamentos e capacitação de seus professores.

3.3.1.3 Colégio DP, escola particular

O Colégio DP localiza-se em um bairro de Curitiba. Ali funciona a educação infantil, o ensino fundamental e médio, bem como o *terceirão* – preparatório para os vestibulares.

Esse estabelecimento de ensino conta com uma infra-estrutura boa. As salas são bem equipadas como as salas de informática, por exemplo, que contam com um grande número de computadores de última geração. Há diversos laboratórios para atender às disciplinas de ciências. Além da linda área verde que o cerca, possui pátios, quadras abertas e cobertas, e o seu *playground* é grande, com diversos brinquedos.

3.3.1.4 Colégio DB, escola particular e curso pré-vestibular

Fundado em 1961, o Colégio DB tinha como missão preparar candidatos para os vestibulares de engenharia. Em 1969, além de contemplar as áreas tecnológicas, o colégio incluiu cursos preparatórios para as áreas biológicas. Em 1974, foi criado o ensino médio, e, em 1982, o ensino fundamental. Nos anos seguintes, incluíram-se a pré-escola e o supletivo de ensino médio. Em 1990, o curso pré-vestibular e o colégio foram unidos a um único grupo.

Além de atuar nas áreas de educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, ensino supletivo, ensino pré-vestibular e superior, a instituição conta com um centro de pesquisa e desenvolvimento em educação – departamento que trabalha para antecipar tendências pedagógicas. Os serviços desse departamento são utilizados por centenas de escolas conveniadas com o DB em todo o território nacional.

3.3.1.5 Curso pré-vestibular para afrodescendentes

O curso pré-vestibular para afrodescendentes é um projeto desenvolvido pela Associação Cultural de Negritude e Ação Popular – ACNAP. Fundada em 1988, por um grupo de negros católicos, com apoio dos Freis Franciscanos, é uma ONG cujo objetivo é recuperar a memória histórica da população negra, sua cultura e sua identidade política. Sua sede está localizada em Sítio Cercado em Curitiba, mas seus projetos estão espalhados pela cidade.

Figura 13 Sede da ACNAP



A instituição também tem por finalidade articular questões da negritude e o processo de consciência negra através da educação, sem esquecer a organização de todos os cidadãos negros de baixa renda. A associação trabalha, junto aos afrodescendentes, questões como formação e auto-estima da comunidade negra, fortalecendo, assim, a cultura africana no Paraná.

Atualmente, a associação oferece vários projetos internos para sua comunidade, tais como: aulas de apoio escolar como intervenção no processo educativo, oficinas de resgate da cultura afrodescendente, S.O.S. racismo, oficinas de trabalhos manuais para mulheres (mini-cooperativas que desenvolvem artesanato); oficinas de capoeira para crianças; oficinas de informática para crianças e adolescentes; oficinas que trabalham a questão da auto-estima; e, também, cursos esporádicos de conscientização da cultura africana e direitos humanos.

A ACNAP também promove atividades especiais como feijoadas, participação em comemorações místicas – cultos evangélicos, missas, eventos de terreiro de candomblé, comemorações de 20 de novembro – Dia Nacional da Consciência Negra, Axé-Zumbi, concurso de Miss e Mister Palmares, e outras.

Um dos maiores projetos da ACNAP, o curso pré-vestibular para jovens afrodescendentes, situa-se em Curitiba e tem nome africano cujo significado é “coisa de negro”.

O projeto Ka-Naombo (KN) é uma das diversas iniciativas na luta contra a discriminação racial e racismo no Estado do Paraná e, em especial, na cidade de Curitiba. O grupo pretende garantir o acesso à igualdade de oportunidades no ensino superior para educandos negros de Curitiba e Região Metropolitana. Pretende-se atingir 200 jovens oriundos de escolas públicas em dois anos, a partir do grau de interesse e impossibilidade econômica de participar de um “curso- pré-vestibular” com outro perfil. As aulas acontecem nas estruturas da Universidade Federal do Paraná, no período noturno, de segunda a sexta-feira, das 19h às 22h45m, com encontros de estudos nos finais de semana.

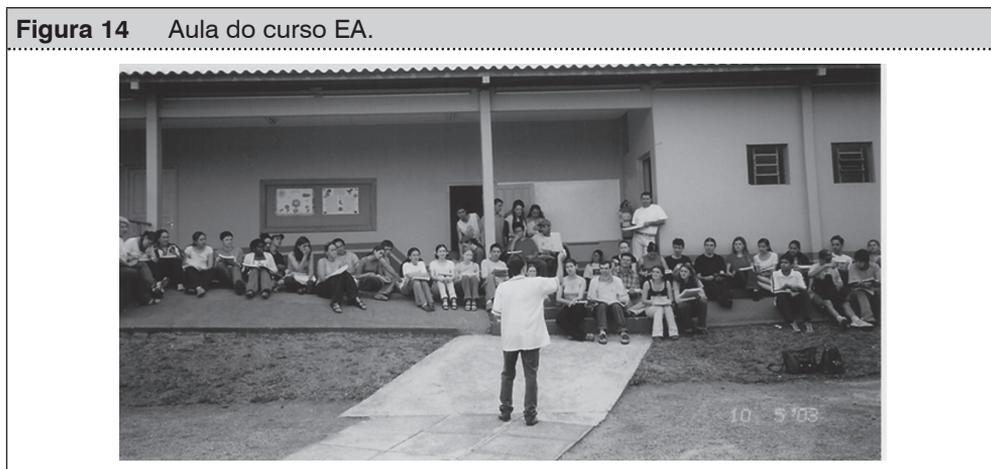
O corpo docente é composto por profissionais experientes em cursinhos pré-vestibulares. O material didático utilizado são apostilas antigas do curso pré-vestibular do curso Positivo – doado pela escola. O intento é alcançar o maior número de ingressos nas instituições públicas da cidade e do Estado como a UFPR, mas também em instituições não públicas através de projetos encaminhados pela ACNAP com objetivo de pleitear bolsas de estudo, caso haja interesse do público alvo.

O curso pré-vestibular para afrodescendentes teve sua origem em um projeto maior, oriundo do Programa Política da Cor. Dentro do programa, o Laboratório de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LPP/UERJ) e a Fundação Ford realizaram o Concurso Nacional “Cor no Ensino Superior”, desenvolvido no contexto do Programa Políticas da Cor na Educação Brasileira. O concurso teve por objetivo promover ações democratizadas que estimulasse políticas institucionais e/ou governamentais orientadas para combate das desigualdades étnico-raciais e sociais no ensino superior brasileiro. Dentre os inúmeros projetos enviados ao concurso, a ACNAP foi contemplada com um financiamento para promover o curso pré-vestibular para afrodescendentes durante o período de dois anos – 2002 e 2003.

3.3.1.6 Curso pré-vestibular EA

O curso pré-vestibular EA originou-se de uma organização não governamental sem vínculo político ou religioso, que tinha por objetivo principal preparar estudantes de baixa renda para que fossem aprovados nos principais concursos vestibulares, principalmente nas instituições públicas. Preocupa-se em dar suporte a esses alunos para que eles possam concluir um curso superior com aproveitamento, sem que desistam no meio do caminho por falta de condições financeiras.

Figura 14 Aula do curso EA.



O E.A. é um curso extensivo preparatório para o vestibular, cujas instalações foram cedidas pela UFPR, com o apoio do Setor de Ciências Exatas da Universidade. É mantido por professores voluntários qualificados, na sua maioria oriundos da UFPR. As aulas ocorrem nos finais de semana das 8h às 19h40m, no prédio de Matemática, no *campus* do Centro Politécnico.

O objetivo maior da ONG é fazer com que o cidadão consiga ascensão social através de estudos em nível universitário, melhorando, dessa forma, o seu nível cultural, intelectual e financeiro.

O EA foi criado por alunos da Universidade Federal do Paraná, no início do ano 2000. A ideia surgiu depois de uma conversa desses alunos com estudantes de baixa renda que comentaram sobre a dificuldade que tinham em pagar um curso pré-vestibular. A equipe administrativa do curso é formada por Oficiais do Exército, que institucionalizaram a organização.

Quadro 7 Sujeitos da pesquisa.						
Cenários	Escolas	diretores ou coordenadores	Professores	Autores Materiais didáticos	Alunos	Documentos
	coordenadora de língua inglesa para o ensino médio da Secretaria Estadual da Educação do Paraná					
Escolas públicas	Colégio Estadual E.F.A – rural	diretora A	Professora A	Inglês – Série Novo Ensino Médio de Amadeu Marques	Alunos do Colégio EFA	Diretrizes – Ensino de língua inglesa EM Plano de aula anual, provas de rendimento e exercícios de sala de aula
	Colégio Estadual LC – urbano	diretor B	Professora B	Essential English de Antônio de Sirqueira e Silva	Alunos do Colégio LC	Plano de aula anual, provas de rendimento e exercícios de sala de aula
	Escolas particulares	orientadora e coordenadora do Colégio DP	Professora C	Apostila do Colégio Objetivo de São Paulo – Professor Arnom Hollaender	Alunos do Colégio DP	Provas de rendimento e exercícios de sala de aula
Cursos pré-vestibulares	Colégio DB – particular	diretor do Colégio DB	Professora F	Apostila do Colégio Dom Bosco	Alunos do Colégio DB	Exercícios de sala de aula
	Curso Em Ação – jovens carentes (gratuito)	coordenador do E.A.	Professora E	Apostila do Colégio Unificado	Alunos do curso E.A.	Exercícios de sala de aula
	Curso Ka-Naombo – negros (gratuito)	coordenadora do Projeto KN	Professora D	Apostila do Colégio Positivo	Alunos do curso KN	Exercícios de sala de aula
PCN, PCN+, LDB						
Elaboradores do exame de língua inglesa do vestibular da UFPR, manual do vestibular.						

3.4 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos principais desta pesquisa foram:

1. Os **professores** das escolas particulares, públicas e cursos pré-vestibulares que estão engajados no ensino de língua estrangeira no ensino médio do Estado do Paraná;
2. **Alunos** das escolas investigadas;
3. **diretores/coordenadores/orientadores** dessas escolas;
4. **Elaboradores dos materiais didáticos** utilizados no ensino de língua estrangeira, no ensino médio do Paraná;
5. **Autoridade** da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná;
6. **Elaboradores dos exames** de língua estrangeira do vestibular da UFPR.

3.4.1 Os professores das escolas investigadas

3.4.1.1 Professora do colégio público rural

A professora da Escola EFA (doravante professora A) tem cerca de 30 anos, fez uma faculdade particular em uma cidade próxima de Quitandinha – Universidade de Contestado em Mafra, Santa Catarina, há dez anos. Possui também duas pós-graduações *lato sensu*: as duas feitas pelo IBPEX – Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão em Curitiba. Ela participa com frequência de cursos de capacitação oferecida pelo Núcleo de Apoio Pedagógico – NAP,⁷ bem como pela Universidade do Professor (projeto da Secretaria da Educação Estadual para capacitação do professor). Leciona a língua inglesa há cinco anos, em escolas públicas. Tem cinco turmas de língua inglesa e algumas de língua portuguesa. Leciona inglês para uma média de 175 alunos.

.....
⁷ O NAP – Núcleo de Assessoria Pedagógica do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas da UFPR tem por objetivo: A) Integrar professores de línguas estrangeiras do ensino regular (fundamental, médio e superior), de universidades e de escolas de línguas. B) Oportunizar constante atualização e capacitação de professores e futuros professores de língua estrangeira. C) Contribuir para a formação profissional dos futuros professores de línguas estrangeiras modernas. D) Manter banco de dados para pesquisas de professores dos vários níveis e formas de ensino, estabelecendo ligações de pesquisa entre diferentes instituições.

3.4.1.2 Professora do colégio público urbano

A professora de língua inglesa do colégio (doravante professora B) tem quase 50 anos. Fez sua graduação, Letras – Português/Inglês, na Pontifícia Universidade Católica de Pelotas, Rio Grande do Sul, há pelo menos quinze anos. Leciona há dezesseis anos em escolas públicas e deve se aposentar em breve. Com uma carga horária semanal de 40 horas – nove turmas –, e uma média de 400 alunos, a professora não tem bom relacionamento com seus alunos. Ela não parece se preocupar se o aluno está aprendendo ou se está gostando das aulas, e os alunos, em contrapartida, só falam com ela o estritamente essencial.

3.4.1.3 Professora do colégio particular DP

A professora de língua inglesa do Colégio DP (doravante professora C) tem em torno de 40 anos e fez sua graduação em Letras – Português/ Inglês, na Universidade Tuiuti do Paraná, em Curitiba, há pelo menos dezoito anos. Leciona há dezenove anos em escolas particulares, com experiência em diversas escolas de renome na cidade. Sua carga horária semanal é de 35 horas. No colégio, ela leciona no ensino médio e possui duas turmas de *terceirão*.

3.4.1.4 Professora do Colégio DB

De todos os professores envolvidos nesta pesquisa, o do Colégio DB (doravante professor F), 40 anos, parece ser o mais capacitado em termos de formação. Nascido e criado em Curitiba, quando era jovem, imigrou para o Canadá – Montreal onde adquiriu a cidadania canadense e tornou-se policial. Lá fez sua graduação em *English as a Second Language – ESL* –, na Concordia University. Além de sua função de policial, trabalhou também no centro governamental para imigrantes chamado *Centre d'Accueil l'Hirondelle*. Após dez anos de residência no Canadá e três nos Estados Unidos, voltou ao Brasil. Trilíngüe, lecionou no Centro Educacional CAESP. É professor há quinze anos, sendo os últimos seis no DB Sua carga horária entre sala de aula e preparação de aulas em multimídia é de 35 horas semanais.

3.4.1.5 Professor do curso pré-vestibular KN

O professor de língua inglesa do curso KN (doravante professor D), aproximadamente 40 anos, negro, graduou-se no final da década de 80, na Universidade Tuiuti do Paraná, instituição particular localizada em Curitiba. Apesar de não ter feito nenhum curso de pós-graduação, participa ativamente de congressos,

simpósios e eventos, tanto sobre o ensino de língua estrangeira, como sobre questões negras. Participa, além disso, com frequência, de cursos de capacitação oferecidos pelo Núcleo de Assessoria Pedagógica da UFPR. Estuda a língua inglesa em um instituto de línguas da cidade. Leciona em escolas públicas e particulares, há 15 anos. Já lecionou em colégios particulares, como Colégio Camões e Divina Providência, como também já foi professor substituto no Estado. Hoje, além de desenvolver o trabalho no curso pré-vestibular no sábado à tarde, ele atua como auxiliar da direção em uma escola municipal em Araucária e, no SESC – centro, à noite. Sua carga horária é de 40 horas semanais.

O professor D mostra sua preocupação com a questão negra em suas aulas, nas escolhas de textos complementares, nos comentários sobre racismo. Busca soluções para a evasão dos negros das escolas e seu baixo rendimento escolar, dentre outros problemas.

3.4.1.6 *Professor do curso pré-vestibular EA*

O professor de língua inglesa do curso EA (doravante professor E) tem cerca de 30 anos. No começo da década de 90, graduou-se na Universidade Tuiuti do Paraná, em Curitiba, e fez intercâmbio nos Estados Unidos, por dois anos. É um professor bastante comprometido com o ensino e está tentando entrar em um programa de mestrado no Paraná. Ele participa com frequência de congressos, simpósios e eventos sobre ensino de língua inglesa.

Leciona a língua inglesa há doze anos, em institutos de línguas e escolas particulares. Já lecionou nos institutos de línguas “Mnemo System” e “Words”, onde também foi coordenador. Hoje, além de dar aulas de inglês no EA, aos domingos à tarde, também leciona no Colégio 3º Milênio, um colégio respeitado da cidade. Sua carga horária é bastante pesada: 60 horas semanais, sendo a maior parte das aulas no Colégio 3º Milênio.

O professor E prepara muito bem suas aulas, mostra-se preocupado com seus alunos e, nos intervalos, faz questão de ajudá-los a tirar dúvidas. De todos os professores entrevistados nesta pesquisa, ele é o único professor voluntário, atividade à qual se dedica com comprometimento e destreza.

3.4.2 Os alunos das escolas investigadas

3.4.2.1 *Alunos da escola pública rural*

Como observado anteriormente, os adolescentes que estudam na Escola Estadual EFA são, na sua maioria, filhos de agricultores que ajudam os pais no cultivo de batatas, feijão, mandioca, milho, dentre outras culturas. Outros são

filhos de comerciantes locais e funcionários públicos. A renda das famílias desses alunos é baixíssima. Durante as aulas que observei, alguns deles comentaram a dificuldade de estudar em cursos pré-vestibulares por não terem condições financeiras nem para pagá-los e, no caso de cursos gratuitos, nem para o transporte.

Figura 15 Alunos da escola pública rural.



A variedade lingüística falada por esse grupo é predominantemente rural, carregada de expressões e estruturas típicas do “dialeto caipira”, ou, como classificaria Bortoni (2002), mais rural e mais oral. Através dos questionários que esses alunos preencheram, percebi que o nível de letramento da maioria ainda é muito elementar pois, nas respostas, havia vários erros de ortografia e de coesão e coerência textuais.

A escola tem 660 alunos matriculados no ensino médio. Não há aulas de língua inglesa no primeiro ano do ensino médio, apenas no segundo e terceiro anos. Os alunos têm pouquíssimo ou nenhum conhecimento da língua apesar de terem, teoricamente, estudado inglês da 5^a a 8^a série.

3.4.2.2 *Alunos da escola pública urbana*

Os alunos que freqüentam o colégio à noite são jovens trabalhadores – empregadas domésticas, seminaristas, balconistas do comércio local etc. ou desempregados. De 45 alunos matriculados na turma de segundo ano do ensino

médio, somente uma média de 13 alunos comparecia às aulas. O número de alunos passava a 20 em dias de prova.

Figura 16 Alunos da escola pública urbana.



O colégio oferece língua inglesa, em duas aulas semanais, nos três anos do ensino médio. Apesar de uma carga horária maior que em outras escolas públicas, os alunos têm pouco conhecimento da língua, pois durante as aulas, eles diziam que nada sabiam e que não conseguiam fazer nem mesmo os exercícios muito simples de gramática propostos pela professora.

3.4.2.3 Alunos da escola particular – Colégio DP

Aproximadamente trinta alunos dessa turma foram para *terceirões* de outros cursos considerados “melhores” e que “aprovam mais” no vestibular. Os nove alunos restantes são os matriculados no *terceirão* do DP, dos quais somente três realmente têm comprometimento com os estudos.

Os outros ficam, geralmente, conversando ou brincando uns com os outros e não participam das aulas. Eles são, na maioria, das classes B e C. Somente os três alunos mais estudiosos têm a preocupação em estudar para o vestibular da UFPR. Os outros pensam em estudar para entrarem em faculdades e universidades particulares, pois acreditam não precisar estudar muito para serem aceitos nessas instituições.

Figura 17 Alunos do Colégio DP.

3.4.2.4 Alunos da escola particular e curso pré-vestibular – Colégio DB

O Colégio DB oferece aulas de espanhol e inglês. Para trabalhar com mais homogeneidade, o curso de inglês foi dividido em dois módulos distintos: inglês básico e avançado. Para assistir às aulas do inglês avançado, os alunos devem passar por um exame de classificação. As turmas do básico, em termos de número de alunos, são maiores do que as turmas do avançado. No básico, há em média duzentos alunos na sala, ao passo que no avançado, aproximadamente, cem.

Figura 18 Alunos do Colégio DB e do curso pré-vestibular.

Os alunos do terceiro ano do ensino médio, oriundos, sobretudo, das classes A e B, são transferidos para o curso pré-vestibular na mesma instituição, e assistem às mesmas aulas com os alunos matriculados somente no curso pré-vestibular, que já concluíram o ensino médio e pertencem às classes média, média alta, de escolas públicas e particulares. A única diferença entre os alunos que estão no terceiro ano – o *terceirão* – dos que já concluíram o ensino médio é que os primeiros são convocados periodicamente para fazerem avaliações separadamente do curso pré-vestibular para o ensino médio. Os simulados são feitos por todos e não valem como nota oficial para o terceiro ano do ensino médio.

3.4.2.5 Alunos do curso pré-vestibular KN

Dentre os cem alunos que estão frequentando o curso pré-vestibular, somente dez optaram por fazer a prova de língua inglesa na UFPR. O restante da turma preferiu escolher a língua espanhola por se assemelhar à língua portuguesa.

A maioria deles já tem mais de 25 anos de idade. Percebe-se um grande número de alunos entre 30 e 40 anos.

Figura 19 Alunos do curso pré-vestibular KN.



O comportamento desse grupo é completamente diferente de todos os outros grupos das outras escolas e cursos nos quais os dados foram coletados. Entre eles existe respeito e carinho mútuo. Ao se cumprimentarem, muitas vezes batem as mãos, ao invés de darem-se as mãos; sorriem, fazem um gingado.

Na hora do intervalo, todos compartilham os lanches trazidos de casa. Quem não levou lanche também é convidado a comer junto. Conforme os alunos vão chegando, eles cumprimentam o professor com apertos de mão, batidas de mãos, comentários, sorrisos, abraços etc. Nos dois meses de coletas de dados nunca observei algum comportamento hostil ou de submissão. Professor e alunos são amigos dentro da sala de aula.

3.4.2.6 *Alunos do curso pré-vestibular EA*

São duas turmas de língua inglesa de aproximadamente 50 alunos cada, constituídas principalmente de jovens de todas as raças e etnias da região. Todos são alunos carentes, pois a escola só atende a esse público. No início de cada ano, ela os seleciona através de triagem. Alguns recebem ajuda financeira para freqüentar as aulas.

Figura 20 Alunos do curso pré-vestibular Em Ação.



A grande maioria dos alunos leva o curso muito a sério, pois sabe das dificuldades pelas quais a ONG passa para funcionar. Os alunos que perdem o interesse pelo curso são convidados a sair e outros da lista são chamados. Como são alunos extremamente carentes, é possível notar as dificuldades pelas quais passam: alguns vão para o curso a pé (levando horas para chegarem ao local), outros trazem lanche de casa, pois não podem comprar almoço, e alguns não têm mate-

rial escolar, como lápis e caneta. Quase todos trabalham durante a semana, e, por esse motivo, dispõem de pouco tempo para estudar além do final de semana.

No ano de 2002, 20% dos alunos foram aprovados no vestibular da UFPR. Em 2003, 40% conseguiram aprovação. A entidade luta para que esse número cresça ao longo dos próximos anos. Uma outra luta dos alunos é conseguir isenção das taxas dos exames de vestibular da cidade, pois muitos deles não têm condição de pagá-las.

3.4.3 Os diretores/coordenadores/orientadores das escolas investigadas

3.4.3.1 A diretora do colégio público rural

A diretora da escola (doravante diretora A) tem formação em história pela Universidade Federal do Paraná. Ela tem dezesseis anos de magistério em escolas urbanas de Curitiba e decidiu mudar-se para o interior e dirigir uma escola rural onde também leciona nos ensinos fundamental e médio. É uma pessoa comprometida com a melhoria das condições de sua escola e da comunidade. É a sua luta para garantir o funcionamento mínimo da escola que faz com que o colégio ainda fique em pé. No ano de 2002, ela e seus alunos do terceiro ano do ensino médio desenvolveram um projeto de resgate da identidade do povo de Quitandinha. Tal projeto transformou-se em um livro intitulado “Meu Município Quitandinha”. O livro traz informações, com fotos, sobre a história, a geografia, a situação social e econômica do lugar. Segundo Portela (2003), o resgate da identidade dessas crianças é o primeiro passo para mudanças e transformações sociais.

3.4.3.2 O diretor do colégio público urbano

O diretor do período noturno (doravante diretor B) está em sua função há alguns anos. É professor de matemática e está em vias de se aposentar. Ele tem consciência da precariedade estrutural da escola e de todos os problemas que os professores, alunos e funcionários enfrentam. O professor também disse que a escola não pode “cobrar muito” ou exigir muito conhecimento de seus alunos nas disciplinas, senão a reprovação e a evasão escolar serão maiores do que já são. Ele afirmou que “os alunos da escola que conseguem chegar até o final do ensino médio nem tentam o vestibular da UFPR, pois estão conscientes de sua inferioridade em relação aos alunos que vêm de escolas particulares”. A aprovação de um aluno no vestibular da UFPR é um acontecimento raro, segundo o diretor.

3.4.3.3 A orientadora do Colégio DP

A escola é administrada por freiras. A orientadora geral é a pessoa encarregada da parte pedagógica da escola. Há também uma coordenadora de língua inglesa. A orientadora é uma pedagoga com especialização em Dificuldades de Aprendizagens. A coordenadora fez Letras – português/inglês, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Ambas mostram preocupação com a aprovação de seus alunos no vestibular da UFPR, mas também reconhecem que a escola tem limitações que impedem seus alunos de serem mais bem sucedidos. O colégio adotou a apostila do Colégio Objetivo de São Paulo, e, por esse motivo, não aborda o vestibular da UFPR diretamente. Qualquer preparação para o vestibular da UFPR tem que partir do professor, ao trazer para sala de aula material extra ou utilizar exercícios no laboratório de informática.

3.4.3.4 O diretor do Colégio DB

O diretor do Colégio DB graduou-se em história pela USP – Universidade de São Paulo. Além de coordenar o curso, também atua como professor de História no cursinho.

Sua preocupação está concentrada na eficiência e eficácia do ensino do curso para atingir um maior número de aprovados nos vestibulares mais significativos do Paraná.

Bem conscientes das limitações dos alunos oriundos das escolas públicas, os professores do curso são orientados para contemplar, em sala de aula, conteúdos e diferentes abordagens que possam beneficiar tanto os alunos vindos de escolas particulares como os de escolas públicas.

3.4.3.5 A coordenadora do curso KN

A coordenadora do projeto KN é uma mulher negra com graduação em pedagogia, mestrado em educação e dissertação na área do ensino e discriminação racial. Bastante engajada na ACNAP e no projeto, ela luta para conseguir manter o curso em andamento. A falta de recursos e apoio de outras instituições e empresas dificulta sua continuidade. Mesmo assim, a coordenadora não desanima em procurar parcerias e patrocínios para o projeto.

No ano de 2002, o curso conseguiu aprovar, na UFPR, quatro alunos entre cem, e, no ano de 2003, nenhum aluno foi aprovado. Mesmo tendo uma baixa porcentagem de aprovação, a coordenadora pensa em continuar o curso, investigar o porquê desses resultados e até revertê-los.

3.4.3.6 O coordenador do curso EA

O coordenador do EA, um jovem oficial militar, formado em Química pela UFPR, tem uma grande preocupação social com relação aos jovens desfavorecidos. Ele é um dos mentores do curso e luta para mantê-lo em funcionamento, enfrentando problemas financeiros e até dificuldades de alojamento. Ele e seus colegas, também militares e formados em outras áreas pela UFPR, são os mentores e administradores do projeto.

Para o coordenador, seu objetivo maior, no momento, é aumentar o número de alunos de baixa renda a passar nos vestibulares públicos do Estado. Em 2001, 20% deles foram aprovados na UFPR e 1%, no Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. Em 2003, o número aumentou para 40%.

3.4.4 Os elaboradores dos materiais didáticos

3.4.4.1 O autor do livro didático usado na escola pública rural

Por ser um dos livros mais baratos do mercado, os professores de língua inglesa da escola pública rural trabalham com o livro do professor Amadeu Marques, *Inglês – Série Novo Ensino Médio*, da editora Ática.

Como o autor mora no Rio de Janeiro, fazer uma entrevista com ele ficou inviável. Por esse motivo, o professor Marques respondeu a um questionário enviado por correio eletrônico.

Autor de diversos outros materiais didáticos para o ensino de língua inglesa, ele já lecionou em institutos de língua e escolas públicas e particulares, em níveis fundamental, médio, pré-vestibular. Graduiu-se em Letras pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, atual Universidade Federal Fluminense. Atua como escritor de material didático desde 1975.

Para o autor, seu livro prioriza a competência para a leitura e a compreensão de textos escritos, e por esse motivo habilita os alunos a serem bem sucedidos nos exames de vestibulares.

Segundo o professor, ele estabeleceu os objetivos de seu livro a partir das mudanças determinadas pelo MEC nos últimos anos. Já no mercado há alguns anos, o livro recebe *feedback* dos professores que o adotam em suas escolas. Esses profissionais relatam que o material aborda temas que despertam no aluno o exercício da cidadania, a busca do conhecimento, o debate e a conscientização de assuntos que têm a ver com a sua formação como pessoa e não apenas como alguém capaz de compreender um texto escrito em inglês. O seu livro é dirigido aos alunos interessados na aquisição de conhecimentos

essenciais para o seu desenvolvimento como cidadão e para a sua preparação acadêmica e/ou profissional.

Para o Professor Marques, apesar do livro não ser dirigido especificamente para nenhum vestibular, pode propiciar aos alunos conhecimentos suficientes para que possam ser bem sucedidos nos vestibulares do país.

3.4.4.2 O autor do livro didático usado na escola pública urbana

Os professores da escola pública urbana adotam o livro *Essential English* de Antônio de Sirqueira e Silva, publicado pela editora IBEP, por ser o mais barato do mercado. Para esta pesquisa, o autor, que reside em São Paulo, respondeu a um questionário e o enviou pelo correio.

O autor graduou-se em Letras pela Universidade Católica do Paraná. Foi professor de várias escolas públicas e particulares nos Estados de São Paulo e Paraná, e atua na área de desenvolvimento de material didático há 30 anos.

Para o autor, seu livro não tem por objetivo preparar os alunos para os vestibulares, e sim dar noções básicas de inglês. Seu livro é direcionado aos alunos de escolas públicas, pois a renda média dos alunos não permite a compra de livros caros. O objetivo de seu livro é concentrar-se no “essencial da língua inglesa”, através de pequenos textos e ensino fundamental da gramática. Os textos do livro não são autênticos, ou seja, são textos simplificados, escritos especialmente para o ensino de gramática. O livro está inserido dentro de uma visão de língua estruturalista de meados do século passado.

O material foi escrito levando em consideração o tipo de alunos ao qual se dirige o livro – classes C, D e E, as ementas das escolas públicas e os livros de editoras estrangeiras. Portanto, o livro não foi desenvolvido a partir dos PCN's ou ementas de vestibulares.

3.4.4.3 O autor da apostila usada no Colégio DP

O Colégio DP adota as apostilas do Colégio Objetivo de São Paulo. O autor dessas apostilas, o professor Arnon Hollaender, foi entrevistado em São Paulo para esta pesquisa.

Ele trabalha com elaboração de material didático há 38 anos. Graduou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, na década de 60. Fez mestrado e doutorado na USP. Trabalhou em diversos colégios e cursos pré-vestibulares de São Paulo, tais como Equipe e Cairu, mas foi no Colégio Objetivo de São Paulo que ficou conhecido por ter trabalhado 33 anos. Lecionou também na USP e em diversos cursos

preparatórios. Atualmente trabalha no curso preparatório para o Instituto Getúlio Vargas. O material que ele escreve, geralmente, é direcionado para os vestibulares da Unicamp, Unesp e Fuvest. Segundo o autor, seu público alvo é o candidato com conhecimento mínimo do nível intermediário⁸ da língua inglesa, pois o material enfoca compreensão de textos e vocabulário em um nível mais avançado. Apesar de o Colégio DP utilizar sua apostila do Colégio Objetivo, ele não conhece o vestibular da UFPR, mas acha que seu material pode ajudar os candidatos a serem bem sucedidos nesse concurso.

3.4.4.4 O autor da apostila usada no Colégio DB

O Colégio DB utiliza, em seu curso pré-vestibular, apostilas escritas pelo próprio professor que leciona a disciplina. O professor/autor leciona no curso pré-vestibular e escreve as apostilas para o Colégio DB há seis anos. Como tem suporte do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Educação e a consultoria de especialistas da área de informática, o autor escreve seu material, que é transformado em apostilas para alunos. Ele também prepara aulas pelo programa *power-point* para usá-las em sala de aula através do *data-show*.

Os textos utilizados nas apostilas são, geralmente, de vestibulares anteriores, da Região Sul. Nas apostilas do curso avançado, encontram-se textos com um grau de dificuldade maior que os dos vestibulares, textos extraídos de livros didáticos para inglês avançado.

Tanto as apostilas do curso básico como as do curso avançado são divididas em seções:

- a) gramática: com explicações e exercícios de vestibulares anteriores;
- b) vocabulário e interpretação de textos;
- c) exercícios de gramática e vocabulário avançado para o curso avançado.

A quantidade de informações a que os alunos são expostos durante o ano é grande; as apostilas apresentam conteúdos que um curso regular demoraria em média três a quatro anos para serem ensinados.

.....
⁸ O termo intermediário, utilizado pelo autor da apostila, é bastante discutido no meio escolar e acadêmico. Ele utiliza o termo de um modo amplo e não técnico como o classifica Scaramucci (2000), nem inclui o propósito da situação de uso da língua como defende Scaramucci. Quando o autor se referiu a tal nível, acreditamos que ele quis se referir a alunos que tenham um bom desempenho lingüístico em situações escolares/acadêmicas nas quais o aluno tem que ser um leitor proficiente, ou seja, ler artigos e livros utilizados nesse meio.

Para o professor/autor, o objetivo desse material é instrumentalizar os alunos a passar nos vestibulares do Estado, com o objetivo maior concentrado no vestibular da UFPR.

3.4.4.5 *O autor da apostila usada no curso KN*

O curso pré-vestibular para afrodescendentes utiliza apostilas antigas, doadas do Grupo Educacional Positivo – Colégio. Graduada em Letras, pela Universidade Católica do Paraná, a autora das apostilas do curso pré-vestibular Positivo trabalha com desenvolvimento de material didático há mais de 20 anos. Atualmente leciona somente nesse curso, mas tem vasta experiência no ensino médio e pré-vestibular, em várias escolas de Curitiba, tais como Colégio Madalena Sofia, Colégio Bardal, Colégio Decisivo, Colégio Apogeu, Centro de Estudos de Curitiba.

Suas apostilas são direcionadas para as classes A e B, pois seus alunos, na sua maioria, já estudaram inglês em institutos de língua, e por isso ingressam no cursinho com um bom nível. As apostilas são divididas em duas grandes partes: uma de gramática e vocabulário, aplicada aos textos, e outra somente de compreensão de textos. Enquanto um outro professor trabalha compreensão de textos, ela trabalha gramática e vocabulário. Os textos todos são de vestibulares anteriores das maiores instituições da Região Sul do país, tais como Universidade Federal do Paraná, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Estadual de Londrina, Universidade Estadual de Maringá.

Para a autora, os textos das provas de língua inglesa do concurso vestibular da UFPR são adequados a seu público-alvo.

3.4.4.6 *O autor da apostila usada no curso EA*

O curso pré-vestibular EA adota as apostilas do Colégio Unificado por dois motivos: o material centra-se no vestibular da UFPR e o preço da apostila não é alto. A professora/autora das apostilas do curso pré-vestibular Unificado trabalha com desenvolvimento de material didático há mais de 25 anos e concomitantemente leciona a língua. Graduada pela Universidade Federal do Paraná, ela tem uma vasta experiência no ensino médio e pré-vestibular em várias escolas conceituadas de Curitiba, como Colégio Bom Jesus, Colégio Santa Maria, Dom Bosco, Colégio Marista do Paraná. Atualmente, leciona somente no curso pré-vestibular Unificado.

A professora/autora afirmou que suas apostilas são direcionadas para as classes C e D que ainda podem, com sacrifício, pagar um curso pré-vestibular. Para atrair essa clientela, o colégio no qual ela leciona tem como público alvo as classes C e D e oferece mensalidades mais baixas que os outros cursos pré-vestibulares da cidade. Suas apostilas são divididas em seções de gramática, vocabulário e compreensão de textos. Os textos todos são de vestibulares anteriores das maiores instituições da Região Sul do país.

Para a autora, em toda prova de língua inglesa do concurso de vestibular da UFPR, há uma mescla de textos difíceis e de dificuldade média.

3.4.3.7 A técnico-pedagoga de língua inglesa da Secretaria Estadual de Educação do Paraná

A coordenadora técnico-pedagógica da Secretaria Estadual de Educação do Paraná – SEED é responsável por várias funções dentro da instituição no Departamento do Ensino Fundamental, e, interinamente, do Ensino Médio, como explicita o *site* oficial da Secretaria:

- Assessorar o Departamento de Ensino Fundamental e Médio na proposição de ações pedagógicas de intervenção no processo de ensino-aprendizagem dos estabelecimentos de ensino públicos, com base nas necessidades apontadas pelos resultados das avaliações de rendimento oficiais (AVA/PR e SAEB).
- Elaborar projetos de modalidades diferenciadas de capacitação voltadas para as equipes pedagógicas dos núcleos regionais de educação e aos professores dos estabelecimentos de ensino fundamental e médio públicos.
- Articular com outras instituições o desenvolvimento de projetos educacionais, em parceria, visando à melhoria da qualidade do ensino em estabelecimentos públicos.
- Propor critérios para elaboração, produção e distribuição de material didático-pedagógico, a ser utilizado por professores e alunos, no processo de implantação e implementação das propostas curriculares, de projetos e na capacitação de professores que atuam em estabelecimentos de ensino públicos.
- Assessorar as equipes pedagógicas dos núcleos regionais de educação no monitoramento e avaliação dos processos de implantação e implementação de políticas educacionais nos estabelecimentos públicos que ofertam ensino fundamental e médio.

- Assessorar as equipes técnico-pedagógicas dos núcleos regionais de educação na orientação e monitoramento das escolas públicas no processo de escolha e utilização de livros e materiais didáticos adquiridos através de programas oficiais.
- Identificar e divulgar projetos inovadores favorecendo o intercâmbio de experiências pedagógicas.
- Participar de eventos regionais, nacionais e internacionais relevantes da área de Educação, para aprimorar a atuação em ações do Estado.⁹

A técnico-pedagoga de língua inglesa graduou-se em Letras em uma universidade particular em São Paulo, há 16 anos. Ela exerce seu cargo desde 2003, pois o governo estadual reorganizou e redefiniu os cargos da Secretaria logo após ter tomado posse. Ela tem experiência tanto no ensino público – oito anos –, em São Paulo e Paraná, como no particular – um ano –, no Paraná.

3.4.5 Os elaboradores da prova de língua inglesa do vestibular da UFPR

O primeiro elaborador que respondeu ao questionário é graduado em Letras, desde 1969, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Fez mestrado e doutorado em Lingüística na Northwestern University, nos Estados Unidos. Participa de cursos, eventos e congressos sobre avaliação ocasionalmente. Já ministrou aulas na Escola Técnica Federal do Paraná, atualmente Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. Além de lecionar no Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas na Universidade Federal do Paraná e na pós-graduação, o professor é hoje o coordenador do vestibular da UFPR. Ele já havia trabalhado na elaboração das provas de língua inglesa do vestibular por 12 anos. O professor já participou da elaboração de provas de língua inglesa de outras instituições, tais como Universidade Estadual de Londrina, FAP, Faculdade de Artes do Paraná e Unibrasil.

A segunda elaboradora graduou-se pela Universidade Federal do Paraná em 1985. Fez mestrado na UFPR e doutorado na Universidade Estadual de São Paulo – ambos em Letras. Ela já ministrou aulas na Universidade Estadual de Londrina e hoje está na UFPR. Participa esporadicamente da elaboração de provas de língua inglesa do vestibular da UFPR. Participa também ocasionalmente de cursos, eventos e congressos sobre avaliação.

.....
⁹ Informações disponíveis em: <<http://www.pr.gov.br/def/quem.html>>. Acesso em: 12 fev. 2006.

A terceira elaboradora graduou-se em Letras pela UFPR em 1980. Fez mestrado em Letras na mesma instituição. Tem uma vasta experiência em outros níveis de ensino. Já lecionou em colégio de nível fundamental – Escola Anjo da Guarda, institutos de línguas, tais como Cultura Inglesa, Liberty English Center, e já foi proprietária de um instituto de línguas – Open English House. Trabalha esporadicamente na elaboração de questões para a prova de língua inglesa do vestibular da UFPR. Já faz algum tempo que não tem sido convocada. Participa ocasionalmente de cursos, eventos e congressos sobre avaliação.

O objetivo deste capítulo foi apresentar o desenho e a metodologia de pesquisa deste estudo, assim como sua justificativa. Para tal, apresentei uma pesquisa qualitativo-interpretativista, explicitando os instrumentos e procedimentos usados para a coleta dos dados, assim como a descrição dos cenários e sujeitos participantes. No próximo capítulo, apresentarei a análise e discussão dos dados coletados utilizando uma triangulação das diversas fontes consultadas.

